

## CIÊNCIA SOCIAL CRÍTICA E ECOSSOCIALISMO<sup>1</sup>

**Professor PROF. MICHAEL LÖWY** (Entrevista realizada por Maria Euzimar Berenice Rego Silva, aluna do Doutorado do PPGCS/UFRN).

**MICHAEL LÖWY** nasceu em São Paulo (BR) e é radicado na França. Ele é pesquisador do *Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS)* e sua obra se insere num espaço de rearticulação do vasto campo da crítica marxista da sociedade capitalista. Nela, encontramos marcos conceituais fundamentais para reorganizarmos o projeto e a prática política socialista no mundo atual. Vale destacar a sua contribuição para a sociologia do conhecimento e a análise do pensamento social, ao dialogar sobre as práticas políticas atuais e o papel dos(as) intelectuais, as relações entre visões sociais de mundo (ideologia e/ou utopia) e a modernidade do conhecimento nas Ciências Sociais, a partir de uma análise histórica, a crítica das principais tentativas da elaboração de um modelo da objetividade científica que surgiram no seio do positivismo, do historicismo e do marxismo, entre outros aspectos. Ele é membro da IV Internacional Comunista e concebe o marxismo como a teoria da autoemancipação do proletariado, defendendo a democracia e o socialismo que, segundo ele, é a aspiração da humanidade a uma nova forma de

3

---

<sup>1</sup> Entrevista realizada no dia 16 de junho de 2009, às 19 horas, no Auditório do NEPSA/CCSA/UFRN, por Maria Euzimar Berenice Rego Silva. Auxiliares de vídeo/fotografia: Gilcilene Lélia Souza do Nascimento, Geovânia da Silva Toscano e Nadja Maria de Lima Costa. Edição do vídeo: Anderson Christopher dos Santos.

Maria Euzimar Berenice Rego Silva é aluna do Doutorado em Ciências Sociais, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e professora do Departamento de Educação do Campus de Pau dos Ferros da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Gilcilene Lélia Souza do Nascimento é aluna do Mestrado em Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Pedagoga da Secretaria Municipal do Trabalho e Assistência Social do Município de Natal.

Geovânia da Silva Toscano é doutora em Ciências Sociais, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e professora do Departamento de Ciências do *Campus* Central em Mossoró, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Nadja Maria de Lima Costa é aluna do Doutorado em Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, *Campus* Natal.

Anderson Christopher dos Santos, Mestre em Ciências Sociais, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e membro da Comissão Editorial da *Inter-Legere* (Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte).

vida, mais livre, igualitária, democrática e solidária. Por isso tem participado ativamente da organização do Fórum Social Mundial, fazendo uma fervorosa crítica à sociedade capitalista, grande responsável pela destruição e envenenamentos acelerados do meio ambiente e seu estado de dominação, contribuindo para a organização dos movimentos sociais, especialmente os movimentos ecológico e socialista.

**MICHAEL LÖWY:** Para que revista é a entrevista?

**REVISTA INTER-LEGERE:** A entrevista é para a Revista do Programa de Ciências Sociais dos estudantes: a Revista é a INTER-LEGERE. Eu sou aluna do Doutorado em Ciências Sociais aqui da UFRN e fiquei com esse papel de entrevistar o senhor.

**MICHAEL LÖWY:** O vídeo é por quê?

**REVISTA INTER-LEGERE:** A Revista é eletrônica.

**MICHAEL LÖWY:** Há, uma revista eletrônica. Tudo bem.

**REVISTA INTER-LEGERE:** É uma forma de podermos divulgar nossos trabalhos. Então, eu agradeço a oportunidade de poder conversar com o senhor. Eu sou uma leitora de sua obra, conheço alguns livros que eu conheço. E assim, eu gostaria de começar esta entrevista aproveitando a temática que o senhor tratou na palestra, agora há pouco, qual seja: Humanismo e Educação <sup>2</sup>. Então, como se deu seu envolvimento com o marxismo?

**MICHAEL LÖWY:** Bom, como muitos jovens, eu descobri o marxismo ainda adolescente, lendo textos de Marx. Logo, um dos primeiros textos do marxismo que eu li era de Rosa Luxemburgo. E ainda hoje considero que eu tenho uma grande dívida com um amigo chamado Paulo Singer, que me introduziu no pensamento de Rosa Luxemburgo e no marxismo em geral. Bom, quando era ainda estudante secundarista eu me interessei pelo marxismo no Brasil. E comecei a ler não só Marx, mas tudo que tinha a ver com o marxismo, sobre política, o socialismo. E depois, já na faculdade, eu descobri a obra de Lucien Goldmann. Isso para mim foi muito importante, pois foi o que me deu um arsenal, digamos, para discutir com a Ciência

---

<sup>2</sup> Palestra sobre o Tema: Humanismo e Educação, promovida pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Social mais geral, com o positivismo, e dentro da perspectiva de Ciência Social marxista. Então, foram essas duas grandes referências para mim no campo do marxismo: Rosa Luxemburgo e depois a obra de Lucien Goldmann.

**REVISTA INTER-LEGERE:** Inclusive ele foi seu professor?

**MICHAEL LÖWY:** Foi meu professor, e com a sua orientação fiz a minha tese de doutorado, justamente sobre o jovem Marx.

**REVISTA INTER-LEGERE:** E sua aproximação com a IV Internacional?

**MICHAEL LÖWY:** Pois é, a IV Internacional, foi quando eu já vivia no Brasil e já mantinha um certo diálogo com os companheiros da IV Internacional. Eles me deram para ler textos interessantes de Trotski, inclusive eu me lembro de ter feito uma resenha para o Estado de São Paulo de um livro do Trotski, que os companheiros da IV me deram (sorridente), sobre a revolução na Espanha, na Alemanha. Também participei de algumas iniciativas, como uma escola de formação que eles criaram e da qual cheguei a participar. Mas enfim, não aderi nessa época. E só realmente eu resolvi aderir à IV Internacional já bem mais tarde, estando já na Europa em 1968. Pouco depois dos acontecimentos de maio de 1968, eu e outros companheiros brasileiros, que estávamos na Europa nesse momento, decidimos nos aproximar da IV Internacional. Aí fomos como participantes da delegação brasileira ao 9º Congresso da IV Internacional em 1969.

**REVISTA INTER-LEGERE:** Dentro das discussões do marxismo que o senhor vem trilhando hoje, a sua obra tem discutido com um caráter muito forte o pensamento social, a construção de uma Ciência Social crítica. Então, o senhor poderia falar um pouco sobre os desafios colocados para a construção dessa Ciência Social no capitalismo, em que nós vivemos.

**MICHAEL LÖWY:** Bem, eu acho que uma Ciência Social crítica, para merecer esse nome, tem que ser uma Ciência Social crítica do capitalismo. Crítica não só dos excessos do capitalismo e de algumas das suas manifestações mais repugnantes, mas do próprio sistema, da lógica desumana do próprio sistema e da sua dinâmica destruidora tanto da vida social, quanto da natureza. Então, para mim, uma Ciência

Social crítica não pode deixar de ser uma Ciência Social que desenvolve uma análise econômica, social, política, cultural etc., do desastre do capitalismo. Agora, para mim também, uma Ciência Social crítica é uma ciência que se situa de uma certa perspectiva social, se identifica com o ponto de vista das classes e dos grupos sociais que são as vítimas do capitalismo, que são os que têm vocação para resistir ao capitalismo, lutar contra ele. Então, por isso, para mim, existe uma coisa que é o ponto de vista do proletariado, o ponto de vista dos oprimidos que dá para a Ciência Social a capacidade de entender as contradições da sociedade e a capacidade de pensar numa sociedade alternativa à ordem capitalista existente.

**REVISTA INTER-LEGERE:** Está quase chegando ao final do tempo de nossa entrevista, e a fala do senhor me instiga a fazer outras perguntas pontuais, então, já falando nessa discussão que o senhor aponta da construção de um novo mundo. Pontuar elementos para a construção de uma nova estrutura social, uma nova organização social, acho que os dois temas não poderiam deixar de ser colocados. Primeiro, como um dos fomentadores da construção do Fórum Social Mundial, participante do Fórum, eu gostaria que o senhor falasse um pouco como é que o senhor vê as possibilidades de construção do Fórum Social como uma estratégia de enfrentamento ao capitalismo e para construção dessa emancipação. E o outro tema... eu deixo para depois?

**MICHAEL LÖWY:** Sim. Então, eu acho que o Fórum Social Mundial tem que ser visto primeiro como parte de um movimento mais amplo, do qual ele é uma das expressões, que é o que a gente chama movimento altermundialista<sup>3</sup>, que é um movimento que coloca a exigência de que um outro mundo é possível além desse mundo do capitalismo, da mercantilização de tudo... Então, esse movimento se manifestou no levante zapatista, se manifestou nas manifestações de Seattle, em 1999, nas de Gênova... Enfim, é um movimento social muito amplo, uma rede de movimentos sociais, dos quais o Fórum Social é um dos movimentos mais importantes, não é? Agora, o Fórum Social é muito relevante porque ele é um lugar de encontro muito importante no qual convergem movimentos, grupos, correntes,

---

<sup>3</sup> O movimento altermundialista vem se desenvolvendo em três momentos distintos, no entanto, complementares: a negatividade da resistência, as propostas concretas e a utopia por um outro mundo possível, dentro da dinâmica dos movimentos internacionais contra o neoliberalismo.

enfim, muitas diversidades, mas que partilham dessa revolta contra a ordem capitalista estabelecida, contra o neoliberalismo e em busca de alternativas. Então, é uma ocasião única de diálogo, de escuta e aprendizado recíproco. É onde os ecologistas aprendem com as feministas, onde os sindicalistas aprendem com os indígenas, e vice-versa, os dois aprendem juntos, então, é realmente muito importante. E nesse processo de diálogo, de discussão, de aprender junto com os outros vai se forjando uma cultura comum, que tem, eu diria, três momentos fundamentais: um que é o momento da negação, da crítica, da revolta contra o sistema, contra o sistema estabelecido, contra o neoliberalismo, contra o capitalismo. Isso é fundamental; se não houvesse essa revolta, esse protesto, essa raiva, essa indignação não existiriam nem o Fórum e nem nada. Agora, uma imprensa burguesa diz que esse movimento é só negativo, sem propostas... É uma mentira. O movimento tem uma conexão com propósitos concretos, imediatamente realizáveis, que são: acabar com a dívida dos países do Sul, fazer reforma agrária, igualdade de direitos para as mulheres, suprimir os paraísos fiscais, enfim, uma taxa sobre o rendimento do capital financeiro. Quer dizer, ele é um catálogo de reivindicações, ainda lembrando a defesa da Amazônia, zero desmatamento. Reivindicações concretas que poderiam ser realizadas amanhã, se houvesse vontade política. E por outro lado, um terceiro momento, que eu chamo a utopia do Fórum: que é a ideia de uma outra sociedade possível, que ainda está em discussão, não é uma coisa que está acabada, há essa inspiração. E nessa discussão, no último Fórum Social Mundial, esse de Belém, eu acho que houve dois passos adiante, muito importantes. Um foi o seguinte: enquanto nos outros Fóruns havia a discussão se o inimigo era o neoliberalismo ou o capitalismo, nesse Fórum ficou claro para quase todos que o inimigo é o próprio capitalismo. Eu acho isso um avanço. Isto está claro nos documentos finais dos vários fóruns dentro do Fórum; do Fórum dos Indígenas, do Fórum das Mulheres e o Fórum da Assembléia das Assembléias, que é um mais geral. Em todos eles aparecem isso: o problema fundamental é o próprio sistema capitalista. Isso é um avanço importante do Fórum. E o outro tema importante que já faz algum tempo que está aparecendo, nesse último ele esteve bem presente, que é a questão da alternativa. Então, aparece essa proposta do socialismo para o século XXI. Tem a discussão também de que precisamos ver exatamente qual é o seu conteúdo. Outro aspecto que eu achei muito importante de Belém foi a convergência, a consciência de que a crise do

capitalismo, que a gente está vivendo, é ao mesmo tempo uma crise econômica do capitalismo e uma crise ecológica do capitalismo. O desastre ecológico tem proporções incontroláveis. No fundo, se trata de uma crise de civilização. É toda a civilização moderna, capitalista, industrial, ocidental que está em crise em seus aspectos econômico, financeiro, ecológico. Então, precisamos pensar alternativas radicais para essa civilização. Precisamos pensar um novo modelo de civilização. Aí nós temos muito a aprender com as comunidades indígenas, os quilombolas, os movimentos sociais, os movimentos ecológicos, os movimentos feministas, os movimentos dos trabalhadores. É daí que vão aparecer os elementos de luta por um novo modelo de civilização.

**REVISTA INTER-LEGERE:** Esta é a última parte para nós tentarmos fechar nossa conversa, porque o senhor deve estar um pouco cansado da viagem, mas o senhor trata de uma discussão que está muito presente, que é uma crise econômica do capitalismo e também uma crise ecológica. Aí vem a ideia muito presente nos seus textos, inclusive no livro publicado no Brasil com o Daniel Bensaid<sup>4</sup>, onde o Senhor trata do ecossocialismo. E quais seriam os aspectos centrais dessa ideia?

**MICHAEL LÖWY:** O ecossocialismo parte da ideia de que, digamos, a questão ecológica é um dos grandes desafios para o pensamento marxista e para a luta socialista do século XXI. E, portanto, precisamos pensar um marxismo e um socialismo que incorporem a problemática ecológica de maneira central, não como um elemento marginal, porque o capitalismo está levando de maneira acelerada a uma catástrofe ecológica com proporções inimagináveis. O aquecimento global é a forma mais evidente disso. Portanto, a luta para salvar a vida no planeta é uma luta contra o capitalismo. Então, a gente tem que pensar o socialismo, digamos, ligado íntima e dialeticamente unido com a problemática ecológica. Isto significa rever algumas questões do marxismo mais dogmático, digamos. Por exemplo, a ideia de um desenvolvimento ilimitado das forças produtivas; ou a ideia de que a revolução é só mudar as relações de produção para permitir o livre desenvolvimento das forças produtivas, entendeu? Tem que se pensar, eu diria, eu costumo dizer que a gente precisa aplicar ao aparelho produtivo o que Marx dizia sobre o aparelho de Estado.

---

<sup>4</sup> LÖWY, Michael; BENSARD, Daniel. *Marxismo, modernidade e utopia*. Organização e apresentação de José Corrêa Leite. São Paulo: Xamã, 2000.

Marx dizia: os trabalhadores podem apoderar-se do aparelho de Estado, colocá-lo a seu serviço; eles precisam destruir o aparelho de Estado burguês e criar um outro tipo de poder democrático dos trabalhadores. Então, nós dizemos no ecosocialismo que os trabalhadores não podem apoderar-se do aparelho produtivo capitalista existente porque ele é destruidor do meio ambiente. Então, precisam transformá-lo radicalmente, criando um outro tipo de aparelho produtivo, um outro tipo de padrão de produção e de consumo, usando novas fontes de energia que não sejam o carvão e o petróleo. Então é uma transformação radical da produção, do consumo, da energia, do transporte também, de tudo que a gente tem. Por isso a gente diz que é todo o modelo de civilização que existe que precisa ser transformado.

**REVISTA INTER-LEGERE:** Bom, professor Michael Löwy, em nome de todos os que fazem o Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, professores e alunos agradecemos, imensamente pela colaboração e digo que foi um prazer imenso entrevistar o senhor. Muito obrigado!